



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS
QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI**



INFÂNCIA NEGRA:

a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade.

**Sephora Santana Souza¹
Tarcília Melo Lopes²
Fabianne Gomes da Silva Santos³**

RESUMO

O artigo em questão aborda a formação da identidade da criança negra construída no processo das interações sociais. Inicialmente, a família é apresentada como o primeiro grupo social ao qual a criança interage e incorpora valores que influenciarão a sua forma de compreender o mundo. Em seguida, tem-se a expansão do universo social da criança negra com a sua inserção na instituição de educação infantil. Local onde a criança depara-se com as representações que cada um tem de si e do outro, proporcionando a formação de sua auto-imagem. E finalmente a escola é representada como um espaço que pode favorecer a discriminação ou valorizar as características étnicas na construção da identidade da criança negra.

Palavras chave: Criança negra. Afrodescendentes. Identidade. Discriminação racial.

ABSTRACT

The article in question approaches the formation of the identity of the constructed black child in the process of the social interactions. Initially, the family is presented as the first social group which the child interacts and incorporates values that will influence its form to understand the world. After that it is had expansion of the social universe of the black child with its insertion in the institution of infantile education. Place where the child comes across itself with the representations that each one has of itself and the other, providing the formation of its high-image. And finally the school is represented with a space that can favor the discrimination or value the ethnic characteristics in the construction of the identity of the black child.

Keywords: Black child. Africandescendants. Identity. Racial discrimination.

1 INTRODUÇÃO

As narrativas históricas em sua maioria enfatizam a formação da identidade histórica, cultural e social de um Brasil com uma ótica europeizada, a exemplo disso temos os livros didáticos e paradidáticos.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia – UFMA e integrante do II Projeto de Formação de Educadores e Educadoras em Educação do Campo no Estado do Maranhão; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política, História e Educação do Campo – NEPPHEC.

²Graduanda do Curso de Pedagogia – UFMA e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGe.

³Fabianne - Graduanda do Curso de Pedagogia – UFMA.

Em tais relatos os negros a priori são excluídos socialmente por suas condições de escravos e posteriormente, enquanto homens livres são relegados aos efeitos discriminatórios, preconceituosos e racistas oriundo da perpetuação das imagens folclorizadas de um passado narrado na visão dos “vencedores da história”.

Nessa perspectiva, a África é tida pejorativamente apenas como a terra da macumba, da capoeira, do tambor, ou ainda, como o lugar onde se buscavam os escravos, o cenário da expansão colonial. Enfim, ações repletas de um ideal elitista muito distante do reconhecimento das inúmeras contribuições da África para nossa história são como se fosse algo a parte, dentro de uma ótica da “luta dos dominados”, cabendo aos afrodescendentes exercerem o papel de oprimidos, explorados e, mesmo quando rebeldes, derrotados.

Fato que nada contribui para a construção de uma vida emocional sadia para as crianças negras. Além disso, o ideal de beleza que lhe é passado é o branco, fazendo-a depreciar seus traços físicos e cor de pele.

Compreendendo a necessidade da resignificação da história do negro este artigo buscou como principais referenciais bibliográficos: As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, Nilma Gomes, Henri Wallon e etc.

Diante desse quadro, o presente estudo visa contribuir para o esclarecimento da representação da formação da identidade da criança negra e para a superação da discriminação racial ainda presente no dias atuais.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA INFÂNCIA

O desenvolvimento da identidade está intrinsecamente ligado aos processos de socialização, formada a partir da relação entre o eu e os outros. É nas interações sociais que a criança negra observa semelhanças e diferenças entre ela e o grupo social que interage, assim, o outro pode servir de referência ou de oposição.

A socialização primária ocorre no seio da família, lugar onde geralmente, a criança se sente amada, respeitada e valorizada. Nesse primeiro contato de socialização, a criança estabelece laços afetivos com esse grupo. Para Henri Wallon (apud Vasconcellos, 2002, p.50), a criança “é um ser geneticamente social... um ser biológico que nasce já social e membro de um grupo com cultura e linguagem próprias”.

Assim, a criança se esforçará para reproduzir gestos, expressões faciais e sons do grupo social que faz parte. Através do choro, sorriso e demais expressões faciais, ela interage com os membros da família, comunicando sua dor, satisfação, desejo, alegrias e

outras sensações. Deste modo, a criança compreenderá o meio em que vive através de imitações.

Nesses primeiros anos de vida em que a imitação é uma forma privilegiada de comunicação, a criança vai incorporando afetos e desafetos que irão constituir sua forma de entender o mundo. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.21), a imitação:

É o resultado da capacidade de a criança observar e aprender com os outros e de seu desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se. É entendida aqui como reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica. As crianças tendem a observar, de início, as ações mais simples e mais próximas a sua compreensão, especialmente aquelas apresentadas por gestos ou cenas atrativas ou por pessoas de seu círculo afetivo. A observação é uma das capacidades humanas que auxiliam as crianças a construírem um processo de diferenciação dos outros e conseqüentemente sua identidade.

Nesse sentido, a imitação é abordada como uma forma da criança experimentar os significados das coisas boas ou más, reconstruindo-as internamente, importante para o desenvolvimento pessoal e o surgimento da sua identidade.

Quando a criança negra é inserida em outro grupo que se diferencia da família, ela se depara com a diversidade social. O ingresso na instituição de educação infantil alarga o seu universo social, possibilitando a convivência com crianças e adultos de culturas diferentes. Ao entrar em contato com outras crianças, a criança negra perceberá traços particulares de cada uma e o modo como estes traços são recebidos pelo professor.

No cotidiano escolar, a criança constrói seu auto-conceito a partir da maneira como é vista pelo seu professor, seus colegas e demais funcionários da instituição. A maneira como cada criança se vê, depende também, do modo como é interpretada pelos outros que convivem com ela. Os julgamentos e comparações têm um grande impacto no início da construção de sua identidade.

A identidade, de acordo com Gomes (1995, p.39):

...só pode ser usada no plano do discurso e aparece como um recurso para a criação de um nós coletivo – nós índios, nós mulheres, nós negros, nós homossexuais, nós professores. De acordo com a autora, esse nós se refere a uma identidade (igualdade) que, na realidade, não pode ser verificada de maneira efetiva, mas torna-se um recurso indispensável ao nosso sistema de representações. Indispensável porque é a partir da descoberta, reafirmação ou criação cultural de suas semelhanças que um grupo social qualquer terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação em uma situação de confronto.

Sendo assim, a identidade é como uma pessoa se vê no plano subjetivo, encontrando semelhanças com um determinado grupo e se diferenciando dos demais, tornando-se um instrumento de representação imprescindível para reivindicações.

A identidade da criança negra está em processo de construção e se constitui nas interações sociais, por isso, é fundamental que ela encontre na escola elementos significativo referente à sua etnia, proporcionando a percepção da sua auto-estima. Nesse processo de construção da identidade, a escola assume um importante papel, que segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p.13), “pode auxiliar as crianças a valorizarem suas características étnicas e culturais, ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando é conivente com preconceitos.”.

Assim, devido ao crédito atribuído à escola como detentora do saber, ela poderá ser um meio eficaz de prevenção e diminuição do preconceito. Porém, infelizmente, as pesquisas revelam, que a escola é um espaço de manutenção das ideologias vigentes, ideologias que desfavorecem e desqualificam a criança negra.

2.1 A NEGRITUDE COMO UM FATOR DE EXCLUSÃO NA INFÂNCIA

A criança negra percebe no cotidiano escolar, que há uma rejeição quanto a sua etnia. Em datas comemorativas, como o Dia das Mães, em geral, são ilustradas famílias brancas. Na roda de leitura, em geral, as histórias infantis, como a Branca de Neve e os Sete Anões, a personagem principal é branca. Entre outras atividades propostas pela escola, a criança negra não se reconhece nas mesmas. Há uma ausência da figura do negro no contexto escolar. Desta forma, ela interioriza que o branco é sinônimo de ser belo e aceito socialmente. As demais crianças brancas também incorporam esses valores, repercutindo no comportamento possíveis relações conflituosas de segregação e exclusão.

Esse padrão estabelecido por brancos perpassa pela mídia, literatura, arte, brincadeiras e os brinquedos, configurando-se como verdade absoluta, que influenciará decisivamente na concepção que se tem sobre a realidade.

Com relação aos brinquedos, é importante destacar que a maioria das meninas brinca com bonecas loiras. Entre elas, a Barbie foi construída no imaginário infantil como a boneca dos sonhos, de longos cabelos loiros, nariz afilado, olhos azuis e branca, semelhante às princesas dos filmes e dos contos de fadas. Essa verdade é absorvida pelas crianças como o modelo de beleza a ser seguido e quem não está em consonância com esse padrão se sente mal. De acordo com Dornelles (2006, p.35),

A partir daí se pode entender o quanto os brinquedos constituem-se como um modo de governo e auto-governo das crianças. Suas formas, seu estilo e sua estética produzem efeitos no jeito de ser criança hoje, pois fabricam modos de subjetividade que aprisionam as crianças em verdades sobre como devem ser seus corpos, seu comportamento, suas atitudes, seus valores.

Diante do que foi exposta, a criança negra, em especial, a menina negra não consegue se deslumbrar com o seu cabelo crespo, seu nariz largo, sua pele escura. Ela incorporou um padrão de beleza, que contrapõe aos seus traços fenotípicos e a partir dessa referencia estética é levada a construir a sua auto-imagem. Ela é vítima desse padrão, que na concepção de Henrique (2002, p.11):

Dentre as violências experimentadas pelas crianças negras, está à negação do direito a uma imagem positiva que tem, particularmente sobre a auto-estima das meninas negras, o seu efeito é danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade.

A partir dessas afirmações, constatamos que a auto-imagem da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os vizinhos e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crença, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo e isso, se repercutirá na formação de sua identidade.

É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola.

A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma auto-exclusão e uma baixa auto-estima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com idéias que desvalorizam suas características étnicas.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p.30) “A auto-estima que a criança aos poucos desenvolve é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo. Disso resulta a necessidade de o adulto confiar e acreditar na capacidade de todas as crianças com as quais trabalha”.

Isso ilustra que, a criança se constitui como sujeito pelo olhar do outro, é a qualidade desse olhar que contribui para o grau de sua auto-estima e auto-aceitação, trazendo conseqüências para a formação de sua identidade. Por isso, o professor não pode supervalorizar umas crianças em detrimento de outras, ele deve demonstrar carinho e atenção a todas.

Diante desse quadro, podemos afirmar que é na infância que a criança em pleno processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social começa a internalizar idéias discriminatórias sobre o negro. Desta forma, é relevante que as instituições de educação

infantil estejam preparadas para acolher a diversidade étnica com um trabalho educativo pautado para a valorização dessa diversidade. Tal postura possibilita a internalização de conceitos positivos em relação ao negro, que em consonância com o que foi relatado, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p.41) afirma que

Para que seja incorporada pelas crianças a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas.

Dentro dessa perspectiva, a escola apresenta um importante papel frente à diversidade cultural e étnica. Ela deve ser um instrumento eficaz para prevenir e diminuir o preconceito, mostrando atitudes de aceitação da criança negra, através do comportamento de toda comunidade educativa, da seleção dos livros didáticos e dos instrumentos pedagógicos.

Benice (2004, p.51) acredita que:

O trabalho de educação anti-racista deve começar cedo. Na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. Por isso, deve ser cuidadosa a seleção de livros didáticos e de literatura que tenham famílias negras bem sucedidas, por exemplo, heróis e heroínas negras.

Em consequência dessa possível mudança, a criança negra vai valorizar seus traços fenotípicos e ter alta estima, pois, as demais crianças, num contexto de respeito e de valor da figura do negro na escola, terão uma percepção positiva e desenvolverão um tratamento benevolente para com a criança negra. Assim, a criança negra sentirá que sua etnia é respeitada em todas as suas singularidades, contribuindo para a sua auto-aceitação e construção harmoniosa de sua identidade.

3 CONCLUSÃO

Ainda hoje, o fato de uma criança nascer negra tende a fadá-la a vulnerabilidade de insucessos em sua vida

Antes tínhamos a legitimação da discriminação através do comércio e do tráfico negreiro, sob respaldos eclesiásticos, aos quais afirmavam que preto não tinha alma, tampouco beleza interior.

Os laicos desmereciam seu tom de pele, traços característicos e costumes, isso sem falar das duras repressões físicas. É mais fácil estabelecer o controle social subjugando-se os negros oprimidos a seres inferiores culturalmente, intelectualmente, espiritualmente e até em termos de beleza.

É nítido que os negros atualmente são estigmatizados no imaginário social como seres inferiores. Pois sofrem com os fortes resquícios da representatividade da figura do negro ao longo das décadas.

É fato que os negros ainda são oprimidos, contudo, importantes passos têm sido dados em direção ao desmoronamento dessa situação. A exemplo, devemos citar a Lei 10.639, aprovada no dia 9 de janeiro 2003, a qual torna obrigatório o ensino da história e culturas afro-brasileiras nos níveis fundamentais e médios.

A perspectiva ambicionada é o trabalho com o estudo da África e dos africanos com a proposta de resgate da luta dos negros no Brasil, da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional.

É árduo e longo o caminho a ser trilhado rumo a uma sociedade verdadeiramente democrática. Ele perpassa prioritariamente pela educação ou reeducação. Através da destruição de imagens ocultamente entranhadas na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BENICINI, Roberta. Educação não tem cor. **Nova Escola**. Ano XIX, n.177, p.46-53, nov. 2004

BRASIL, **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Formação pessoal e social. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: 1998.

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio da escola**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Contexto. São Paulo: 2000.

DORNELLES, Leni Vieira. Existe Fada Negra? **Pátio educação infantil**. Ano IV, n. 10, p. 35-37, mar./jun.2006.

GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto**. Maza edições. Belo Horizonte:1995.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino**: os limites das políticas universalistas. UNESCO. Brasília: 2002.

WALLON, Henri. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.